

NUNCA É TARDE PARA FORMAR-SE LEITOR

A contribuição das cartas com indicações literárias circunscritas em Projetos Institucionais

Aline Carvalho Nascimento
Instituto Chapada de Educação e Pesquisa
alinenascimento@institutochapada.org.br

Resumo: O presente trabalho circunscreve-se no âmbito da formação continuada, que assume a prática profissional como eixo central da formação das equipes técnicas e pedagógicas atuantes nas redes municipais de ensino de Itaetê e Marcionílio Souza, na Chapada Diamantina, que integram o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa. Parte da premissa de que nunca é tarde para formar-se leitor, e que tal investimento tem impacto direto na escola e na comunidade, situando a escola como uma comunidade de leitores. Nesse sentido, vale ressaltar que é possível formar-se leitor na profissão, e para tanto é importante entender o significado que a leitura literária exerce na vida dos profissionais da educação, e partindo das suas histórias de vida com a literatura seguir numa aproximação constante de variados autores, leituras, livros. Os projetos institucionais de leitura e escrita são importantes dispositivos de (auto)formação tendo em vista a mobilização de uma rede leitora, que sustenta-se com a formação de todos os envolvidos no processo educativo, secretários de educação, equipes técnicas, diretores escolares, coordenadores pedagógicos, professores, estudantes. E é nesse contexto que tais projetos possibilitam que os educadores assumam um lugar de quem pode compartilhar experiências, histórias de vida e falar sobre as suas preferências leitoras, frente a uma variedade de obras literárias, trilha interessante para aportar a condição humana de se emocionar com os livros e estreitar os laços afetivos e profissionais. Tudo isso contribui para que os estudantes desfrutem de ambientes alfabetizadores e possam ir tecendo relações cada vez mais afetuosas com a leitura literária. Uma experiência ainda mais encantadora quando se une tudo isso ao fato de que os educadores são convidados a escrever cartas com indicações literárias no marco da publicação do livro “Histórias de carta em carta”, e com isso tirarem proveito das crônicas, romances, novelas, gêneros diversos, mas também das suas próprias vidas, o que no ir e vir das histórias de vida, das leituras, dos livros possibilita ir encurtando a distância entre dois municípios vizinhos e alimentando/retroalimentando o exercício de leitura daqueles que participaram do projeto. E nesse movimento de leituras, escrita, envio de cartas, a querência pela resposta à carta, há um duplo prazer: comunicar-se com um colega até então pouco conhecido ou desconhecido e receber o livro naquele mesmo envelope, sentimentos que se somam e vão contribuindo para que todos percorram um caminho sem volta, que é gosto por ler e contribuir para que outros também tenham a mesma vontade de fazê-lo. E assim, nas histórias de carta em carta, nesse território oceânico onde vivemos, cada cidade é como se fosse uma ilha solitária, mas os habitantes/educadores desses lugares, quase sempre distantes entre si, começaram a se encontrar graças ao ideal comum da educação.

Palavras-chave: formação continuada; cartas; indicações literárias; municípios; formação leitora

1 APRESENTAÇÃO

Quem de nós nunca ouviu ou proferiu a seguinte máxima: “O educador para formar leitores é preciso antes de tudo ser um bom leitor”? Isso sempre me instigou a pensar sobre como nos constituímos leitores. Seria algo de berço, um exercício que se aprende a fazer com a prática? Comecei, então, a reportar meus pensamentos para a minha história de vida, minha infância, meu processo de alfabetização... Foi, assim, que “percebi” que não tinha recordações sobre rodas de leitura na infância, professores lendo em voz alta livros literários, leitura em casa antes de dormir, leitura por prazer.

Decorridos o ensino fundamental e médio li vários livros literários, mas muito mais com o caráter obrigatório, que era característico da escola tradicional. A leitura não era motivada pelo prazer, e assim era sem curiosidade e interesse; lia para responder uma ficha de leitura que já vinha nos livros, fazer uma prova, uma encenação da história lida que serviria como avaliação... Na universidade várias leituras foram feitas, principalmente de livros técnicos, ainda mais quando do período da elaboração da monografia.

Mas foi enquanto profissional da educação participando do processo de formação continuada no Projeto Chapada que eu senti “necessidade/vontade” de ler por prazer, de compor o meu acervo pessoal de livros. Foi vendo os meus formadores, a cada formação, lendo com tanto entusiasmo e compartilhando seus livros literários que percorri um caminho sem volta: a trilha pelo mundo da literatura.

Não estou querendo dizer com esse breve relato que a família não deve contribuir com a formação leitora, que nascer num ambiente rodeado pelos livros não faz diferença na vida do indivíduo, muito pelo contrário, considero extremamente relevante que tenhamos acesso às leituras desde o ventre materno, e essa diferença proporcionada pelo contato desde a mais tenra idade com os livros pode ser essencial, como revela o depoimento de Lígia Bojunga:

Pra mim, o livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;

Em pé, fazia parede; deitado fazia degrau da escada;
Inclinado, encostava num outro e fazia telhado.
E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra
brincar de morar em livro.
De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar para as
paredes).
Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.
Fui crescendo; e derrubei o telhado com a minha cabeça.
Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntima a
gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de
construir novas casas.
Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha
imaginação.
Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga
assim toda cheia, me levava pra morar no mundo do inteiro: iglu,
cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me
dava.
Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa
que - no meu jeito de ver as coisas - é a troca da própria vida; quanto
mais eu buscava no livro, mais ele me dava.
Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisei um
dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra - em algum lugar -
uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

Mas também posso afirmar que “nunca é tarde para formar-se leitor”¹⁴. É o que este artigo destina-se a discutir, a partir do viés de uma experiência na formação continuada de educadores, dialogar acerca da importância dos projetos institucionais de leitura como experiência na formação leitora. Para tanto, este texto está organizado de forma a discorrer sobre uma abordagem teórica do que é ler, uma visão burguesa da leitura e a necessidade de superá-la, apresentar os Projetos Institucionais de leitura como uma experiência de formação continuada de educadores leitores, que vão se formando na profissão. Assim, o contato com os livros e a leitura transcende as barreiras das escolas, das salas de aula, dos

¹⁴ Abordo uma experiência no campo da formação continuada de educadores, e vale reportar a uma experiência que revela a importância da formação leitora também na formação inicial realizada pela professora Verbena Cordeiro, UNEB, no trecho do seu artigo: “*De caso com a literatura* demonstra o quanto razão e sensibilidade se entrelaçam na prática iniciada em sala de aula, e como o professor é o agente estimulador e orientador para o despertar ou o redespertar da literatura como uma experiência global de vida, ultrapassando os limites da escola. Também apreendi que, arriscando práticas de leitura fora do “script” escolar e me abrindo à escuta sensível das diferentes histórias de leituras desses muitos alunos, consegui resultados surpreendentes e senti-me plenamente útil na tarefa que tinha pela frente.”

municípios, e torna-se um exercício de leitura/interlocução que é construído quando do contato com outros leitores, outros livros.

2 O QUE É LER

Começemos refletindo acerca de duas questões precípuas considerando a leitura literária: O que é ler? E... Por que ler?

Quanto à primeira questão consideramos que [...] Ler é dar liberdade aos sentidos e escutar suas interpretações, reconhecendo que, antes de qualquer tipo de socialização, há um percurso que emociona só depois ele reflete, organiza o pensamento, racionaliza e divulga, [...] (LOIS, 2012. p. 48). Isso já responde/remete à segunda questão, já que primeiro há um momento solitário da leitura literária, que pode cumprir um duplo objetivo: emocionar-se, para depois socializar e tentar conquistar o outro para fazer aquela leitura.

Porém, para indicar livros aos colegas é preciso conhecê-los. E nesse movimento, as rodas de leituras e indicações literárias nas formações são imprescindíveis. Assim como na apresentação de um amigo que gostamos a outro acontece com os livros, para que convençamos a alguém que vale a pena lê-lo é preciso que gostemos muito do livro, para que possamos envolver o outro a também querer ler.

Quando queremos que alguém goste de um amigo nosso, precisamos falar bem de nosso amigo, precisamos convencer, seduzir, instigar e valorizar as qualidades de nosso amigo, precisamos provar por A mais B que a pessoa só tem a ganhar com a nossa amizade. (Jonas Ribeiro, 2002. p.13).

Nesse sentido, contribuir com a formação de comportamentos leitores é importante, pois

É indiscutível que os leitores não se formam com leituras escolares de materiais escritos elaborados expressamente para a escola com a finalidade de cumprir as exigências de um programa. Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contêm uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-

escolares, para uma multiplicidade de propósitos [...]. (KAUFMAN, 1995. p.45).

Porém, ainda precisamos refletir sobre quais os critérios usar para escolher um livro literário para ler ou indicar um livro lido. Nesse enquadre, importa insistir na visão de que existem leitores e leituras, quando se faz necessário superar a visão burguesa do que é ser leitor de literatura.

Em entrevista a uma revista, o polêmico crítico literário americano Harold Bloom rejeita listas que rotulam os melhores livros, mas ao mesmo tempo tece comentários carregados de juízo de valor sobre obras que considera “boas” e “ruins” na literatura universal, o que, de certa forma, contribui também para os rótulos. Mas Bloom, na mesma entrevista, aborda de forma valiosa sobre por que ler.

A informação está cada vez mais ao nosso alcance. Mas a sabedoria, que é o tipo mais precioso de conhecimento, essa só pode ser encontrada nos grandes autores da literatura. Esse é o primeiro motivo por que devemos ler. O segundo motivo é que todo bom pensamento, como já diziam os filósofos e os psicólogos, depende da memória. Não é possível pensar sem lembrar – e são os livros que ainda preservam a maior parte de nossa herança cultural. Finalmente, e este motivo está relacionado ao anterior, eu diria que uma democracia depende de pessoas capazes de pensar por si próprias. E ninguém faz isso sem ler. (Bloom, 2001).

É fundamental deixar de lado o rigor colocado sobre os “grandes autores da literatura” como um critério para a leitura nas rodas literárias no processo de formação continuada, consideramos boas aquelas obras que emocionam, e emoção tem a ver com a subjetividade de cada um.

É importante uma aproximação dos educadores àqueles livros considerados os clássicos da literatura universal, mas isso não pode se constituir como uma barreira para o contato com outras obras “desprestigiadas” pela crítica. Afinal, passa por quem o crivo de definir as obras como de qualidade ou ruins? Tudo isso tem a ver com uma visão burguesa acerca da literatura, que sempre se instituiu historicamente.

Tudo isso tem a ver com o fato da tão propagada ideia de que os brasileiros não leem ou leem muito pouco. Mas como coloca Marisa Lajolo¹⁵ há pesquisas

¹⁵ Publicação no texto “Leitura: você faz a diferença.” Marisa Lajolo. RevRed(UFEF)2011.

recentes¹⁶ que sugerem que no Brasil se lê, sim. Só que não os autores e os livros que os especialistas acham que deveriam ser os mais lidos e os mais apreciados.

Devido a essa visão burguesa há, entre os educadores, um “medo” em externalizar as leituras feitas e indicar obras porque não são bem avaliadas pela crítica, mas há que se considerar que

A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes. Muitos, entretanto, tomam algumas produções e algumas formas de lidar com elas como as únicas válidas. E aí reclamam porque o brasileiro não lê e não tem interesse pela cultura. (ABREU, 2006. p. 59).

Essa perspectiva em torno dos critérios usados para escolha dos livros, bem posta por Márcia Abreu em toda a sua obra intitulada “Cultura letrada – literatura e leitura” – dialoga com o que pensamos sobre o assunto no sentido de que não há universalidade na apreciação estética, e que esse quesito instala-se no campo da subjetividade, que deve ser considerada, isso bem nos ensina Roger Chartier quanto ele nos provoca enfatizando que a leitura é uma prática social móvel em sua forma e sentidos.

Liberados das amarras da ditadura do “bom livro”, o acesso aos livros literários acompanhado de uma resenha daquele que leu e gostou pode contribuir para o que Lena Lois (2012) coloca como a perspectiva estética da recepção, se abrir para a polissemia do texto literário, experimentar, estranhar, gostar ou não gostar, pois como coloca a autora o texto literário é arte e dialoga com a subjetividade de cada um.

Para tanto é imprescindível a recuperação da história de vida do leitor¹⁷, tão bem colocado por Lajolo, o que é um ponto essencial para que, a partir da escuta

¹⁶ A autora Marisa Lajolo sugere consultar o site da Universidade de Campinas www.unicamp.br/iel/memoria

¹⁷ “O que você realmente gosta de ler em suas horas vagas? Como começou a apreciar esse tipo de literatura? Qual o primeiro livro lido por você? Lembra-se de como esse exemplar chegou a suas mãos? As primeiras leituras foram experiências agradáveis ou dolorosas? Na sua trajetória individual você encontrará pontos em comum com a de outras pessoas, a de seus colegas e mesmo a de alguns pais de seus alunos. Seria ótimo se todos – escola e comunidade – pudessem compartilhar essas

atenta à história de vida/leitura de cada um, possa estabelecer elos e fios invisíveis entre educadores que se unem rumo a qualificação de suas práticas leitoras.

3 PROJETOS INSTITUCIONAIS DE LEITURA: Uma experiência na formação continuada de educadores

Precisamos acreditar que é possível formar leitores na experiência da formação continuada de educadores. E para tanto, os projetos institucionais são extremamente importantes. Vejamos algumas das relevantes etapas nesse percurso.

Etapa I – Concepção do projeto – escrita e apresentação

O Projeto Institucional de Leitura de Cartas com Indicações Literárias surgiu da necessidade de seguir qualificando a formação leitora de equipes técnicas, diretores escolares, coordenadores pedagógicos, conseqüentemente, de professores dos municípios de Marcionílio Souza e Itaetê. Assim, o propósito comunicativo foi promover a troca de correspondências, experiências e histórias de vida, estreitar laços entre esses profissionais de municípios tão próximos por meio da tessitura das leituras.

Mas poderíamos nos perguntar “Por que socialização por meio de Cartas na era da tecnologia quando o mais apropriado são correios eletrônicos?”. É certo que todos têm acesso à internet, mas nem todos o fazem com frequência e habilidade. Outro motivo, e o mais importante, é que gostaríamos de resgatar por meio desse meio de comunicação – as cartas – a emoção sentida quando do seu recebimento, ainda mais que junto com o envelope da carta seguiria, ainda, algo valiosíssimo: o livro, que foi de remetente para destinatário numa ciranda literária. Em tempos de grandes aparatos tecnológicos as cartas serviram como meios para concatenar pessoas e fomentar a leitura, formar leitores.

No fomento a práticas de leitura o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa tem um papel fundamental, haja vista que tem como meta do seu trabalho, junto aos municípios parceiros, a erradicação do analfabetismo na região em que atua,

entendendo por alfabetização o processo amplo de atribuição de sentidos à leitura e à escrita de textos diversos que circulam socialmente. Nesse sentido, a formação de leitores e escritores autônomos inclui-se como meta prioritária.

A literatura, naturalmente, é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos os quais as teorias literárias e as teorias linguísticas, bem como outras vertentes dos estudos das línguas e das literaturas, têm contribuído decisivamente para caracterizar, pontuando as mudanças de acordo com diferentes momentos históricos, com os diferentes povos, com as diferentes línguas, mas sempre, apesar de todas as diferenças de gêneros e conteúdos, apontando para essa marca da natureza humana que é o fazer literário, o fazer poético, fazer em que a língua, em sua modalidade escrita ou oral, é utilizada para expressar e justificar a existência humana. (BRAIT, 2003. p. 19-20).

Dessa forma, é fundamental cuidar da formação daqueles que estão diretamente ligados aos estudantes – coordenadores pedagógicos, diretores escolares e professores – já que eles têm papel fundamental na alfabetização plena das crianças e jovens. Assim, é preciso cuidar de cada um deles, qualificando sua formação leitora.

E assim fomos escrevendo a várias mãos o nosso projeto institucional de leitura e todos foram se corresponsabilizando com suas ações. O projeto contribuiu com as ações de formação continuada implementadas nos municípios, articulando às demais práticas, bem como fortalecendo a formação nas escolas. Todas as etapas do trabalho foram pensadas considerando os leitores, os propósitos sociais que guiavam as produções, com a incumbência de que muitas pessoas que tenham acesso ao livro de cartas possam desfrutar de leituras de livros que marcaram tanto a vida desses autores das indicações, bem como conhecer um pouco sobre a história de vida dos remetentes/destinatários das cartas (por isso há a articulação dos gêneros **carta** e **resenha literária**).

Etapa II - Rodas de leitura de resenhas e livros, momentos de empréstimos

Um propósito que consideramos durante todo o percurso do projeto institucional referiu-se ao “ler por prazer”. Nesse sentido os momentos de formação

leitora na formação continuada contribuíram como espaço de fomento à leitura, momentos muito agradáveis, em que todos se sentiram à vontade para compartilhar histórias lidas, emocionarem-se com elas, trouxeram questões parecidas que aconteceram em suas vidas, enfim, momentos de pura fruição. Isso tudo porque, como afirma Lajolo (2002) “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”.

A cada formação líamos resenhas que motivavam a leitura dos livros, os interessados se inscreviam para ler em voz alta trechos de livros que gostavam, e assim, ao final de cada oficina de formação montávamos uma banca com os livros que cada um disponibilizava para empréstimo.

Saíamos das formações preenchidos pelas leituras em voz alta feitas pelos colegas e com o livro que cada um se interessara por ler.

Etapa III – Intercâmbio entre remetente/destinatário. Publicação do livro

Paulo Freire nos traz que “ensinar exige alegria e esperança”, dialogando com ele Rubem Alves fala do ato de ensinar, de que o mestre precisa ensinar felicidade em suas aulas. Aproprio-me do olhar desses dois autores para fazer uma relação com a literatura, com a formação do leitor que forma outros leitores.

Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada... (ALVES, 1994. p.9).

E foi com esse prazer que cada um ia fazendo suas leituras, escrevendo suas cartas, ansiando pela resposta... E junto com a carta seguiam os livros, um duplo prazer: comunicar-se com um colega até então pouco conhecido ou desconhecido e receber o livro naquele mesmo envelope, como é possível observar em uma carta/resposta enviada por uma coordenadora pedagógica:

Fiquei muito feliz em receber sua carta compartilhando comigo suas experiências pessoais e profissionais. Amei os livros que me indicou. Já li “Em busca de mim” e fiquei encantada com a história escrita por Izabel Vieira, parece que me deparei com um fato da vida real. Estou lendo “Cartas entre amigos” e como você diz “é uma verdadeira pérola”. Em uma de minhas formações comentei sobre o trabalho que está sendo desenvolvido entre os profissionais de educação de Marcionílio Souza e o nosso município, com o Projeto Institucional de Leitura - “Histórias de carta em carta” para indicação literária, no qual falei de você, inclusive fiz indicação dos livros que você me enviou. Estou com uma lista de espera, pois uma professora está lendo “Em busca de mim” e outras aguardando. Bem legal esse movimento.

Nesse percurso havia carta que apresentava ao destinatário como era bom mergulhar num livro de poesias, por exemplo, e a remetente pôde contemplar como sua indicação fez florescer novas perspectivas naquele leitor/destinatário, como podemos notar no trecho de uma carta de uma diretora escolar:

Com relação ao livro confesso que logo quando eu o vi fiquei receosa porque não costumo ler poemas, na realidade nunca li um livro de poemas, foi a primeira vez. Estou passando por um momento muito difícil, o qual meu marido está trabalhando em outro estado, mas precisamente no Amapá. Pense aí? Quando li o livro me senti muito bem, principalmente com o poema 62, também fiz a leitura dele para alguns dos meus colegas.

Tiraram proveito das crônicas, romances, novelas... E o ir e vir das histórias de vida, das leituras, dos livros foi encurtando a distância entre dois municípios vizinhos e alimentando/retroalimentando o exercício de leitura daqueles que participaram do projeto.

Numa dessas cartas um depoimento de uma diretora escolar muito interessante aparecia: “Já estamos quase íntimas! Preciso lhe confessar uma coisa - o despertar para minha formação leitora começou com a chegada do ICEP (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa) - desde então já li mais do que em toda minha vida”.

Assim, nas histórias de carta em carta, alteramos os espaços geográficos e os estabelecimentos comerciais. Posto de gasolina, farmácia, lanchonete ou secretaria de

educação transformaram-se em “agências dos correios” – pontos estratégicos de envio e coleta de cartas. Como coloca Cybele Amado, diretora presidente do ICEP, no prefácio ao livro – produto desse projeto – “Nesse território oceânico onde vivemos, cada cidade é como se fosse uma ilha solitária, mas os habitantes/educadores desses lugares, quase sempre distantes entre si, começaram a se encontrar graças ao ideal comum da educação”.

Certamente essa experiência que contribuiu para seguir qualificando a formação leitora de profissionais da educação terá um impacto direto sobre a formação dos professores e, conseqüentemente, dos alunos, que é o que desejamos para constituição de redes leitoras. Isso tudo tem um impacto direto nas instituições escolares em que os profissionais participantes do projeto atuam, já que, como aborda Lerner (2002, p.99) “Um dos méritos fundamentais dos projetos institucionais é o de proporcionar um quadro no qual a leitura ganha sentido não só para os alunos como também para os professores”.

A culminância do Projeto Institucional de Leitura foi o lançamento do livro “Histórias de carta em carta”, produto desse projeto, lançado numa confraternização em que os remetentes/destinatários dos dois municípios se encontraram e puderam conhecer uns aos outros que se corresponderam durante o ano de 2011. O passo seguinte ao lançamento do livro foi sua distribuição nas escolas, secretaria de educação, biblioteca municipal, enfim, espaços em que todos tenham acesso. Assim, favoreceremos um belo intercâmbio entre os livros e histórias de vida que marcaram pessoas de Marcionílio Souza e Itaetê e que oferecem um para o outro como presente um passeio literário, que como coloca uma supervisora técnica participante “Foi uma experiência muito bonita, muito feliz, pois muito mais do que escrever resenhas, nós partilhamos histórias de vida nessas cartas que iam e vinham nos coloridos envelopes, chegando às nossas mãos da forma mais inusitada possível. As indicações literárias fizeram brotar novas amizades, novos leitores e muita gente mais feliz”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a leitura é imprescindível na vida de qualquer pessoa, que um ambiente leitor desfrutado desce cedo favorece a construção da proficiência leitora. Mas vale ressaltar que é possível formar-se leitor na profissão, é possível que educadores qualifiquem suas práticas leitoras e se constituam efetivamente como leitores cada vez mais obstinados pelo ato de ler.

Nesse ínterim é importante entender o significado que a leitura literária exerce na vida dos profissionais da educação, e partindo das suas histórias de vida com a literatura seguir numa aproximação constante de variados autores, leituras, livros.

Os projetos institucionais de leitura são importantes dispositivos de (auto)formação tendo em vista a mobilização de uma rede leitora, que não fixa-se apenas no professor, mas que sustenta-se com a formação de todos os envolvidos no processo educativo, desde secretários de educação, equipes técnicas, diretores escolares, coordenadores pedagógicos, professores, alunos.

E é nesse contexto que tais projetos possibilitam que os educadores assumam um lugar de quem pode compartilhar experiências, histórias de vida, e falar sobre as suas preferências leitoras, frente a uma variedade de obras literárias, trilha interessante para aportar a condição humana de se emocionar com os livros e estreitar os laços afetivos e profissionais. Tudo isso na eminência de superação de uma visão burguesa da literatura que “dita” os melhores livros que devem ser lidos e recomendados.

Nesse enquadre a formação de uma rede de educadores leitores contribui para que os estudantes desfrutem de ambientes alfabetizadores e possam ir tecendo relações cada vez mais afetuosas com a leitura literária.

Referências

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3.ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ABEU, Márica. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BLOOM, Harold. *Leio, logo existo: o mais polêmico dos críticos literários diz por que ainda se deve ler num mundo dominado pelas imagens*. Veja online, 31 de jan. 2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/310101/entrevista.html>. Acesso em 11 jan. 2012.

BRAIT, Beth. *Estudos lingüísticos e estudos literários: fronteiras na teoria e na vida*. In: FREITAS, Alice Cunha de e CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de (Orgs.). *Língua e literatura: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentidos*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAUFMAN, Ana Maria. *Escola, leitura e produção de textos*. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LAJOLO, Mariza. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Ed. 6ª. São Paulo: Ática, 2002.

LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre, Artmed, 2002.

NUNES, Lygia Bojunga. Livro. Um encontro com Lygia Bojunga Nunes. RJ: Agir, 1988, p.7-8.

RIBEIRO, Jonas. *Colcha de Leituras*. São Paulo: Elementar, 2002.

